TEIXEIRA, S. Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAJSHOP, Gisela. Brincar na pré-escola. São Paulo: Cortez, 5ª. Edição, 1995.

WINNICOTT, D.W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZABALZA, Miguel A. A organização dos espaços. In: ZABALZA, M. A. (Org.) Qualidade em educação infantil. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MUDANÇAS ESTRUTURAIS, DIVERSIDADE E ARTE

ROSEMEIRE ALVES DIAS

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre mudanças estruturais, diversidade e arte. Neste estudo, procurou-se abordar aspectos importantes para compreender as mudanças estruturais e a diversidade, bem como, a importância da arte na valorização da diversidade. Levando em consideração que a compreensão das mudanças estruturais e a relação da arte com a diversidade favorecem as aprendizagens significativas, assim como, contribuem no desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para o exercício da cidadania. A metodologia utilizada para este trabalho pautou-se em pesquisas bibliográficas de especialistas nesta área, livros, seminários, artigos e dissertações que abordam a temática. Através da análise e reflexão acerca do tema desenvolvido e considerando as múltiplas linguagens da arte, buscou-se compreender a relação das mudanças estruturais e como a arte pode ter um papel fundamental no processo de valorização da diversidade.

Palavras Chave: Mudanças Estruturais. Diversidade. Arte.

INTRODUÇÃO

É sabido que a valorização da diversidade busca dissipar preconceitos e estereótipos construídos historicamente, procurando contribuir na construção de uma sociedade com mais igualdade e alicerçada no respeito às diferenças.

Tendo em vista que uma educação multicultural considera as contribuições que os vários grupos étnicos raciais fizeram para a sociedade em constante mudança e compreende essas contribuições em um programa geral de instrução às diversas necessidades, a arte nas suas múltiplas linguagens favorece conhecimentos de variadas culturas e em todas essas manifestações culturais reforçam e ampliam o lugar no mundo dos indivíduos.

Dessa maneira, o presente artigo tem por objetivo propor reflexões acerca das mudanças estruturais e multiculturalismo, bem como, da importância da arte na valorização da diversidade.

A metodologia utilizada para este trabalho foi pautada na pesquisa bibliográfica de especialistas nesta área, seminários, artigos, livros e dissertações que abordam a temática.

Alguns autores como: Hora (2006) e Kowalewski e Schilling (2011) discutem a questão do multiculturalismo, bem como, as mudanças estruturais e a relação com a diversidade.

Consequentemente a arte pode ser uma aliada no que diz respeito a valorização da diversidade cultural, assim como das mudanças necessárias para que a escola desenvolva a aprendizagem da convivência, do respeito e da tolerância, cumprindo o que prevê a Lei de Diretrizes e Bases – LDB 9.394/ 96 já que contribui na formação do sujeito e igualmente nas visões de mundo dos indivíduos.

Portanto, por meio das análises e apontamentos desta pesquisa pretende-se compreender e refletir sobre aspectos das mudanças estruturais, da diversidade e da arte para valorização das diferenças.

MUDANÇAS ESTRUTURAIS E A DIVERSIDADE

Para Andrade (2009), a solução encontra-se na gestão da diversidade. Porém, gerenciar a diversidade não é novidade. De fato, impérios coloniais históricos como Espanha, Portugal e Inglaterra, e nações modernas como os Estados Unidos, África do Sul, Japão, Alemanha e agora nações recém-emergidas com seus esforços de "limpeza étnica", conseguiram a diversidade mais efetivamente - mas para fins de exclusão, tanto nas dimensões individual como institucional.

Várias instituições da sociedade, como escolas, igrejas, empresas, corporações e comunidades também administraram bem a diversidade, mas, novamente, para fins de exclusão. Não temos padrões para nos relacionarmos com nossas diferenças humanas como iguais (ANDRADE, 2009).

Sem esses padrões ou modelos, a atitude e o comportamento predominantes em relação a pessoas com diferenças biológicas, físicas e socioculturais têm sido de exclusão e controle. Hoje, para alcançar nosso potencial como organizações e sociedade, essa atitude precisa mudar para uma de inclusão.

Para Hora (2006), a gestão da diversidade é um processo contínuo que desencadeia os vários talentos e capacidades que uma população diversificada traz para uma organização, comunidade ou sociedade, de modo a criar um ambiente saudável e inclusivo, que é "seguro para as diferenças", permite às pessoas "rejeitar a rejeição, "celebra a diversidade e maximiza todo o potencial de todos, em um contexto cultural onde todos se beneficiam.

O multiculturalismo, como a arte de administrar a diversidade, é um processo inclusivo em que ninguém é deixado de fora. A diversidade, em sua essência, então é uma proteção contra a idolatria - a criação de um grupo como norma para todos os grupos.

Nesse sentido, D'arc (1997) sugere que um dos perigos que devem ser evitados na compreensão correta do multiculturalismo é o basismo. O basismo é a tendência de agredir verbalmente e/ou fisicamente outra pessoa ou grupo com base unicamente no significado negativo atribuído à filiação a diferenças biológicas, culturais, políticas ou socioeconômicas (como sexo, idade, raça/etnia, partido po-

lítico, classe, educação, valores, afiliação religiosa ou orientação sexual) sem consideração pelo indivíduo. O fator motivador para o basismo é o medo, decorrente da ignorância do outro.

Para a autora,

É, pois, esta dimensão identitária, muitas vezes xenófoba que parece ter ganho terreno, substituindo aquela utopia unitária, que animava de forma voluntarista os militantes dos anos 70 e do início dos anos

80. Mas a exemplo do politically correct, o desenvolvimento do “basismo” foi menos uma busca de expressão da diversidade, e, talvez, mais um apoio àquela utopia unitária capaz de reagrupar pobres e excluídos (D’ARC, 1997, p. 247).

Um dos retrocessos de uma visão estreita do multiculturalismo, especialmente quando defendido por algumas mulheres e pessoas negras, é o que Caleb Rosado chama de "maleismo branco". O White Maleism é a tendência dos grupos minoritários de culpar os homens brancos pela maior parte do mal social no mundo hoje, especialmente no que se refere ao sexismo e racismo, e vê-los como egoístas, implacáveis, impenitentes e irredimíveis e, como conseqüência, recusar-se a reconhecer e aceitar a contribuição que muitos homens brancos fizeram, continuam a fazer e desejam fazer, para remover a opressão (ROSADO, s.d).

Embora grande parte da opressão tenha sido o subproduto histórico do abuso de poder por homens brancos, não se ganha muito em termos de criar um sistema educacional e uma sociedade inclusivos, solidários e compassivos, invertendo o processo e excluindo muitos homens brancos que tem sido instrumental na criação de estruturas de inclusão.

A gestão eficaz da diversidade inclui, capacita e beneficia todas as pessoas envolvidas (TOURAINE, 1997). Kowalewski e Schilling (2011) esclarecem que em uma época de pluralismo cultural, o multiculturalismo é necessário para administrar a diversidade de maneira eficaz. Em essência, então, o multiculturalismo nada mais é do que a arte de administrar a diversidade de maneira total e de qualidade. É a única opção aberta a educadores, líderes e administradores em um ambiente culturalmente pluralista cada vez maior.

Nas escolas, o processo de multiculturalismo é mais bem mantido através da Educação Multicultural - uma abordagem intrínseca à educação e construção de currículo que reconhece e respeita as contribuições que os vários grupos raciais/étnicos fizeram para a sociedade e incorpora essas contribuições em um programa geral de instrução às necessidades de uma sociedade em constante mudança e é sensível ao desenvolvimento pessoal e social de todas as pessoas envolvidas.

Nesse sentido, as autoras destacam:

Os debates que permeiam a questão parecem hoje, divididos entre dois discursos principais (mas não únicos): os celebratórios – que identificam as questões da diversidade cultural como algo tardiamente conquistado, acusando de racismo e preconceito todos os que as criticam – e os igualitários radicais – que concebem as questões multiculturalistas na educação como forma de desvio da

questão de classe e/ou de uma cidadania plena (KOWALEWSKI e SCHILLING, 2011, p. 289).

As diversas populações estudantis e força de trabalho de hoje simplesmente não irão desaparecer, mas aumentarão. Esta é a direção do futuro - uma comunidade multicultural, multiétnica e multilíngüe. E os líderes eficazes, preocupados com o resultado final - a maximização do lucro, sejam materiais ou não materiais - reconhecem essa nova direção.

A arte de administrar a diversidade é, portanto, de grande preocupação para todas as pessoas encarregadas de supervisionar o trabalho de outras pessoas. As organizações, no entanto, que tentam forçar a realidade atual nos estilos de gestão de ontem, colocariam seriamente em risco a viabilidade de sua empresa.

Além do desafio de criar um ambiente educacional humanizado, onde os alunos e funcionários de diversas origens e experiências aprendam a apreciar uns aos outros, está o adicional de mudar os arranjos estruturais (TOURAINE, 2006).

O gerenciamento da diversidade deve ser um processo abrangente e holístico para o desenvolvimento de um ambiente que funcione para todos os envolvidos. Para Saji (2005), existem duas dimensões para um modelo holístico de gerenciamento da diversidade: horizontal e vertical.

A primeira, voltada para o indivíduo, preocupa-se com a dimensão horizontal de abraçar e valorizar as diferenças. Esta área é de grande importância, uma vez que os alunos e funcionários individuais que não se dão bem, nem se compreendem uns aos outros, não são capazes de maximizar seu maior potencial para a excelência ideal. Aqui é onde oficinas sobre preconceito, consciência cultural, comunicação intercultural e resolução de conflitos são mais úteis.

No entanto, se tudo isso for feito, esses esforços serão reduzidos a zero, pois a dimensão interacional individual é apenas uma dimensão de mudança.

Saji (2005) menciona que:

No Brasil, suspeita-se que os programas de gestão da diversidade ainda representem apenas a inclusão de portadores de necessidades especiais sendo que as questões ligadas à etnia, sexo e cor estariam renegadas ao mito da democracia racial. Essa suspeita é reforçada pelo fato da cultura brasileira ainda negar o preconceito existente contra as minorias (SAJI, 2005, p. 11).

O propósito de valorizar a diversidade e valorizar as diferenças não é simplesmente fazer com que as pessoas se sintam bem umas com as outras. As escolas têm um propósito específico para existir, para implementar sua missão através de qualquer produto ou serviço que forneçam. Assim, trazer a mudança interacional no nível individual é apenas metade do processo.

Sleeter (1996) nos lembra que um grande problema com a maioria dos programas de desenvolvimento de pessoal para a educação multicultural é que a unidade de mudança na qual eles focam é o indivíduo e não a instituição como uma organização.

Essa mudança deve ser acompanhada por uma mudança na cultura e

estrutura da escola, a dimensão vertical, pois é aqui que residem os problemas de raiz no nível horizontal.

A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE

É sabido que a arte sempre esteve ligada ao ser humano, na formação do sujeito, bem como nas visões de mundo.

Para Barbosa (1996):

É esperançoso saber que depois da abertura democrática já a segunda leva de secretários de educação dos estados do Brasil valorizou a arte. Entretanto, precisamos continuar a luta política e conceitual para conseguir que arte seja não apenas exigida, mas também definida como uma matéria, uma disciplina igual as outras no currículo. Como a matemática a história e as ciências, a arte tem um domínio, uma linguagem e uma história. Se constitui, portanto, num campo de estudos específicos e não apenas em mera atividade (BARBOSA, 1996, p. 6).

Dessa maneira, com a Lei 9.394/1996 a Arte é considerada obrigatória na educação básica, em seguida, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reiterou a importância do ensino de arte para construção do conhecimento.

No transcorrer do ensino fundamental, o aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade. (BRASIL, 2001, p. 53).

Valorizar a diversidade cultural, as várias formas de ver o mundo, de se expressar e de se relacionar com a comunidade escolar, são mudanças necessárias para que a escola desenvolva a aprendizagem da convivência, do respeito e da tolerância, cumprindo assim o que prevê a Lei de Diretrizes e Bases – LDB 9.394/ 96 em seu primeiro artigo.

A arte nas suas diversas linguagens favorece conhecimentos de diversas culturas e em todas essas manifestações culturais reforçam e ampliam o lugar no mundo dos indivíduos.

Nesse sentido, a arte na escola como ferramenta de aprendizagens tem um papel imprescindível para contribuir na formação dos cidadãos, bem como, favorecer o senso de pertencimento dos indivíduos no meio em que estão inseridos.

Diante do exposto, Barbosa (2003) enfatiza:

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2003, p.18).

A diversidade cultural é uma manifestação das diversas culturas, levando em consideração a preservação das variadas culturas.

Pode-se dizer que ensinar sobre a diversidade das culturas promove o respeito entre os povos. Sendo necessário compreender que as culturas são diversas e estão em mudança permanente.

Segundo Abramowicz (2006):

Diversidade pode significar variedade, diferença e multiplicidade. A diferença é qualidade do que é diferente; o que distingue uma coisa de outra, a falta de igualdade ou de semelhança. (ABRAMOWICZ, 2006, p. 12).

As diferenças fazem parte de um processo social e cultural, sendo essenciais em todas as sociedades, pois é a diversidade que oferece oportunidade de conhecer o outro, de respeitar, entender, analisar e estudar os conhecimentos culturais passados, e assim compreender as diversas culturas do presente.

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. [...] no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor (BRASIL, 2001, p.19).

Assim, possibilitar um olhar atento às diversidades enriquece a formação de cidadãos críticos e participativos na sociedade, propiciando o respeito mútuo para com os diferentes grupos e culturas que compõem a sociedade. Nesse processo a arte pode ser uma aliada a fim de favorecer uma consciência ética e moral, na busca de compreender profundamente as diferenças culturais e sociais de cada povo, permitindo ressignificar as aprendizagens através da maneira diversificada, ética, humana e sensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade tem duas dimensões, a primária (principalmente biológica, geralmente visível: idade, gênero, raça, etnia, orientação sexual, deficiências), e a secundária (sociocultural, geralmente invisível: linguagem, educação, ocupação de valores, cultura, chiqueiro de aprendizado, etc. Essas várias diferenças que inibem a inclusão nas dimensões individual e institucional precisam ser examinadas à luz da meta das escolas e comunidades de começar a "viver a diversidade".

É importante notar que é improvável que as organizações embarquem em iniciativas de mudança, a menos que estejam sofrendo com problemas de diversidade ou não tenham uma visão dos desafios que enfrentam.

Ambos os fatores são impulsionados pelo lucro final, para ajudar as organizações a fornecer um produto ou serviço de qualidade que atenda às necessidades humanas em uma sociedade competitiva.

A mudança em ambas as dimensões resulta em Inclusão Cultural no centro, onde ocorre a diversidade.

O erro do lado da diversidade aumenta as diferenças e a separação à custa da nossa humanidade comum e compartilhada. Unidade não é sinônimo de uniformidade, nem diversidade é sinônimo de separação.

A solução para a tensão é respeitar e valorizar a diversidade enquanto se trabalha pela unidade, caso contrário a exclusão é o resultado.

Nesse sentido, a força de uma nação ou organização reside na unidade na diversidade.

Dessa maneira, trabalhar com a arte favorece a valorização da diversidade, uma vez que a arte nos permite um entendimento de mundo mais amplo, bem como, é um meio de comunicação entre as pessoas e os povos.

E assim, a escola cumpre sua função social, garantindo a socialização, a valorização da diversidade cultural humana, à ética, a moral e o respeito mútuo para com as diferenças.

STRUCTURAL CHANGES, DIVERSITY AND ART

ABSTRACT

This article proposes a reflection on structural changes, diversity and art. In this study, we sought to address important aspects to understand structural changes and diversity, as well as the importance of art in valuing diversity. Taking into account that the understanding of structural changes and the relationship between art and diversity favor significant learning, as well as contribute to the development of skills and competences necessary for the exercise of citizenship. The methodology used for this work was based on bibliographic research by specialists in this area, books, seminars, articles and dissertations that address the theme. Through analysis and reflection on the theme developed and considering the multiple languages of art, we sought to understand the relationship of structural changes and how art can play a fundamental role in the process of valuing diversity.

Keywords: Structural Changes. Diversity. Art.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. Trabalhando a diferença na educação infantil. São Paulo: Moderna, 2006.

ANDRADE, M. A diferença que desafia a escola: apontamentos iniciais sobre a prática pedagógica e a perspectiva intercultural. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 2001.

D'ARC, H.R. O Basismo acabou? Análise sobre a participação comunitária no Brasil (1970- 39 1990). Caderno CRH, Salvador, n. 26/27, p. 235-254, jan./dez.

1997. Disponível em: O "BASISMO" ACABOU? ANÁLISE SOBRE A PARTICIPA-